

Indômita

Modernista, feminista, jornalista, libertária...

O interesse pela obra de Patrícia Galvão é recente e traz à tona, também, inéditos de sua produção

Walnice Nogueira Galvão



Wikipedia.org

Quem ouve a bela e animada canção que Rita Lee e Zélia Duncan dedicaram a Pagu fica cogitando quem seria essa pessoa – rainha dos palanques e paladina das mulheres que gastam as mãos lavando roupa – a merecer tamanha homenagem.

É que um bom tempo se passou antes que Pagu (Patrícia Galvão, 1910-1962) começasse a ser retirada do ostracismo em que mergulhou durante décadas. A renovação do interesse por essa grande libertária data de poucos anos, quando começaram a ser publicados vários de seus inéditos. Vieram à luz as memórias incompletas; o álbum de 1929; os croquis; os contos policiais estampados em 1944 na revista *Detetive*, dirigida por Nelson Rodrigues; e a edição fac-similar de *O Homem do Povo*, jornal que produziu junto com Oswald de Andrade. Uma tardia e crescente popularidade acarretou estudos críticos, reedições, fundação de centros culturais e de pesquisa, filmes de ficção, documentários, espetáculos teatrais, programas de televisão, nomes de revistas e de escolas, canções, enredos

de desfile de carnaval. E uma exposição mais do que completa no Museu Lasar Segall, até o início de 2010.

Um levantamento de seus muitos pseudônimos inclui, afora Pagu, Mara Lobo, Pat, Pt, Ariel, Patsy, Gim, Solange Sohl, Peste. Entre outras instâncias, a Universidade Estadual de Campinas abriu um centro de pesquisa sobre gênero que leva seu nome; e edita a revista *Cadernos de Pagu*.

Textos seus figuram numa antologia do marxismo na América Latina, ao lado de Mariátegui, Luís Carlos Prestes, Fidel Castro, Che Guevara, Marighella e o subcomandante Marcos do Exército Zapatista. E é verbete, entre outros ícones das lutas sociais, como Caio Prado Jr. e João Pedro Stédile, no *Diccionario de la Izquierda Latinoamericana*, em preparo pelos argentinos, prometido para este ano (Argentina, Planeta).

Seus dois filhos contribuíram para o resgate, editando textos, publicando inéditos, instalando um site. Um deles, Geraldo Galvão Ferraz, em parceria com Lucia M. Teixeira Furlani, esta uma entusiasta de Pagu, com tese de doutoramento e livro sobre ela, organizou o site <http://www.pagu.com.br>.

O outro, Rudá de Andrade, dirigiu um filme, o documentário *Pagu – Livre na Imaginação, no Espaço e no Tempo* (2001).

Paulista do interior, Pagu foi criada na capital. Em 1929 formou-se pela Escola Normal da Praça da República, diploma que habilitava ao ensino de crianças, no primário. Fenômeno então recente no panorama brasileiro, a “normalista” abria a perspectiva da emancipação feminina através do trabalho. As moças acorreram em peso, ganhando aura de costumes menos engessados e maneiras não tão espartilhadas. A proibição estatutária de casar antes da obtenção do diploma acirrava as fantasias e inspirava a música popular. Seu uniforme azul-marinho e branco alegrava a paisagem urbana do centro. As obras dos modernistas, sobretudo os de São Paulo, estão cheias de alusões a elas.

Pagu foi apresentada por Raul Bopp a Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, ambos figuras de proa do Modernismo e seu casal mais ilustre.



Sentada, Pagu é a quinta moça, da direita para a esquerda, e já se diferenciava de suas colegas normalistas

Pagu abala o cenáculo modernista com sua formosura juvenil, charme e comportamento inconventional. A exuberância da cabeleira, a boca polpuda, os olhos derramados – do célebre poema que lhe dedicou Raul Bopp, de que vai aqui uma amostra – comprováveis em fotos e desenhos, tornaram-se sua marca registrada:

*Pagu tem uns olhos moles
Uns olhos de fazer doer (...)
Passa e me puxa com os olhos
Provocantíssimamente
Mexe-mexe bamboleia
pra mexer com toda a gente*

Em 1929, Pagu e Oswald de Andrade passam a viver juntos. Dessa união, com cinco anos de duração, resultaria um filho, Rudá de Andrade. Pagu participaria intensamente da fase antropofágica do Modernismo e forneceria dois desenhos à *Revista de Antropofagia*.

A crise econômica de 1929 abre passo a uma reconfiguração de for-

ças, com radicalização dos intelectuais, à direita e à esquerda. Encerra-se a década de eclosão e fastígio do Modernismo, com sua feliz fusão de vanguardistas com mecenas cafeicultores. Nesse processo, Oswald e Patrícia filiam-se ao Partido Comunista em 1930 e tornam-se ativistas da revolução.

No mesmo ano, Pagu faz uma rápida viagem a Buenos Aires, no intuito de procurar Luís Carlos Prestes, que ali vivia em exílio; mas só o encontraria mais tarde em Montevidéu. No navio, travou amizade com Zorrilla de San Martín. Fez contatos na área literária com o cenáculo da revista *Sur*: Jorge Luis Borges, Victoria Ocampo, Eduardo Mallea.

O novo casal funda em 1931 o tabloide *O Homem do Povo*, que durou apenas oito números. Hostilizado pelos estudantes da vizinha Faculdade de Direito, que invadiram a redação e tentaram empastelá-lo, acabou proibido por ordem policial. Pagu escrevia a coluna “A mulher do povo”, de tom

panfletário, em que fustigava a burguesia e as instituições, reservando virulência maior para as grã-finas e outras mulheres ociosas. Criou uma história em quadrinhos cuja protagonista era uma garota revolucionária chamada Kabeluda.

Sua primeira prisão se deu em Santos – maior porto do Brasil e escoadouro de sua riqueza principal de então, o café – em 1931, quando, trabalhando como operária, participou de uma greve de estivadores.

Em 1933 publica *Parque Industrial – Romance Proletário*, sob o pseudônimo de Mara Lobo. Exemplo da estética modernista, o texto é disposto em blocos de escrita, com flashes e flagrantes de extremada síntese, linguagem quase telegráfica e de impacto, utilização entremeada do coloquial. Seu cenário é o Brás, em São Paulo, bairro operário e reduto da imigração italiana. Pagu aproveita a experiência de sua própria proletarização: na literatura brasileira nada há de similar em seu ativismo feminista e comunista. O entreccho



Wikipedia.org



Insubmissa na defesa dos avanços modernistas e contestatária dos retrocessos, fossem estéticos ou políticos

cuida de trabalhadoras pobres, que se deixam seduzir pela sereia dos donjuâns ricos, circulando por ali em seus enormes carros de luxo, e que acabarão degradadas em prostitutas.

Logo encetaria seu grande périplo (1933-1934), que se tornaria lendário na tradição oral, até que fossem publicadas suas memórias (parciais) em 2005. Visitaria Estados Unidos, Japão, China, de onde teria tra-

zido as primeiras sementes de soja, Manchúria e Rússia. Depois iria para a Europa, de onde seria repatriada. No itinerário, contatos com Freud, o último imperador chinês Pu Yi, os surrealistas franceses.

Novamente presa na repressão que se seguiu à Intentona Comunista de 1935, ao ser libertada cinco anos depois estava exaurida e pesava 44 quilos. Rompe com o Partido. Desse mesmo ano data sua união com Geraldo Ferraz, escritor e jornalista, com quem viveria até o fim de seus dias. Da união nasceria outro filho, Geraldo Galvão Ferraz, em 1941.

Mais um livro, *A Famosa Revista*, escrito a quatro mãos com Geraldo Ferraz, seria publicado em 1945. Já mais distante da estética modernista, abandona o fragmento em prol do discurso contínuo, mantendo todavia uma linguagem inovadora e incisiva, demolidora de lugares-comuns. Sátira ao Partido Comunista, denuncia seus vícios, como o autoritarismo, a burocracia, e mais o pretexto da clandestinidade que

acoberta personalismo, desonestidade e manipulação alheia.

Retoma em 1942, para não mais abandoná-lo, o jornalismo, seu ganha-pão e canal de expressão. Começa a trabalhar na agência de notícias France-Presse em 1945, ali permanecendo por um decênio, e entra para o corpo de redação da *Vanguarda Socialista*, fundada por Mário Pedrosa, que congregaria a nata da intelectualidade

de esquerda anti-stalinista.

Pagu transfere-se com seus ideais utópicos para o pequeno Partido Socialista, pelo qual foi candidata a deputada estadual em 1950. Na campanha, publica o panfleto *Verdade e Liberdade*, expondo os motivos que a levaram a romper com o Partido Comunista, já criticado em craveira ficcional em *A Famosa Revista*.

A partir daí escreveria em vários jornais da grande imprensa e acabaria por fixar residência em Santos, onde viveria até a morte. Acompanha a cena cultural, frequentando exposições, teatros, concertos, lendo livros novos e velhos, água para o moinho de seus escritos. Produziria crônicas, poemas, crítica literária, traduções de fragmentos, comentários de artes plásticas e de teatro, artigos de política nacional e internacional. Permaneceria inconformista e fiel às vanguardas, exigente, sarcástica, adepta de fórmulas fulminantes. Como se não bastasse, sempre insubmissa na defesa dos avanços modernistas e contestatária na denún-

cia dos retrocessos, fossem estéticos, políticos ou comportamentais. Um exemplário de autores e obras abordados revela preferência por poetas e dramaturgos – mas invariavelmente pouco convencionais: Arrabal, Ionesco, *Ubu Rei* de Alfred Jarry, Brecht, *Lolita* de Nabokov, de quem faz a defesa, Becket, Valéry, André Breton, Philippe Soupault, Octavio Paz, St. John Perse, Dylan Thomas, Artaud, Dürrenmatt, Ghelderöde, Ibsen, Fernando Pessoa, a Ópera de Pequim, a estréia brasileira de *A Sagração da Primavera*, de Stravinski. Escreve sobre música de vanguarda nacional e estrangeira. Amplia a gama de assuntos ao passar a registrar notas sobre televisão. Funda a Associação de Jornalistas Profissionais de Santos.

Seu apego ao teatro, que daria a tônica nesses anos, eclodiria em 1952, quando frequenta a Escola de Arte Dramática de São Paulo, na qual apresenta tradução e estudo de *A Cantora Careca*, de Ionesco. Batalhadora sem esmorecimento, assume a coordenação do Teatro Universitário Santista (1956) e a presidência da União dos Teatros Amadores da cidade (1961). A partir de 1957 mantém a coluna “Palcos e atores”, em *A Tribuna*, jornal local. Combativa, sua coluna seria uma trincheira na luta sem descanso pela dramaturgia experimental e pela liberdade de criação. Dirige *Fando e Lis*, de Arrabal, que recebeu vários prêmios. Mais tarde, encenaria também *A Filha de Rapaccini*, de Octavio Paz.

Após seu falecimento, em 1962, a cidade onde se fixou e tanto labutou na última fase de vida fez-lhe uma justa homenagem, ao consagrar e batizar a Casa de Cultura Patrícia Galvão, da prefeitura de Santos. 🌸

Walnice Nogueira Galvão é crítica literária e integra o Conselho de Redação de *Teoria e Debate*